

engenhos, pertencente a esta quinta, rente ao muro do caminho de S. Tiago.

O 8.º lanço, e ultimo, mede de comprimento 337 passos ou 269^m,60, ficando ao meio a abertura da Cava denominada «do Coval». A primeira metade d'este lanço está encorporada no caminho de S. Tiago, nivelada com os terrenos interiores, mas bem nitida e sobranceira pela parte de fora.

A segunda metade, que fica já dentro de quintas muradas, e, portanto, na posse particular, conserva-se ainda alta e saliente para fora, revestida por um trecho de fosso sêco, muito valioso para a archeologia, pelos grandes blocos graníticos que formam o muro de amparo das suas margens, e que são certamente de construcção primitiva.

Esta parte de lanço offerece para fora, sobre o fosso, que tem 10 metros de largo, uma altura de 8 a 10 metros; e para dentro, para o campo entrincheirado, a altura de 1 a 1^m,50.

A seguir a esta parte do 8.º lanço, ha uma pequena porção do 1.º lanço, na extensão de 69 passos até o muro do caminho publico, ali recentemente aberto.

Este pedaço do lanço n.º 1, que tambem é propriedade particular, se bem que saliente e na mesma altura que a porção do 8.º lanço anterior já descrita, está, contudo, bastante deformado pelo cultivo da terra, sendo mais 4 metros que o resto do mesmo lanço que está arborizado não lhe restando já relevo algum sobre os terrenos interiores.

Eis aqui a exacta e minuciosa descripção da Cava de Viriato, como ella se encontra actualmente». (*Ob. cit.*, pp. 3-7).

Preciosidades archeologicas

I. Epigraphia lapidar

Existem no velho edificio jesuitico de S. Roque, hoje casa da Misericordia de Lisboa, e na sua igreja, em sitios escusos, quasi geralmente desconhecidos, dois padrões escriptos na pedra, duas formosissimas lapides do seculo XVI, testemunhos preciosos das datas da fundação e sagração da famosa ermida de S. Roque e adjacente *adro* da peste, estabelecidos nos principios do seculo XVI, no alto d'aquelle cerro coberto de oliveas, destinada a ermida para conter as venerandas reliquias do Santo — tido como advogado contra as pestes —, e o adro para nelle se enterrarem os que falleciam pela cidade, victimas da epidemia.

Acabada a construcção da ermida e estabelecido o adro contiguo, foi a primeira sagrada em 25 de fevereiro de 1515 e o adro em 24 de maio de 1527.

Commemora a sagração da ermida a primeira das duas lapides — a. que se encontra ao fundo de um corredor e topo de um pequeno lanço de escada de pedra que vae da sacristia para a casa do despacho da irmandade de S. Roque e cartorio da egreja.

É uma bella lapide, de 0^m,60 de largo, por 0^m,55 de alto, com a inscripção, em formosos caracteres de lettra allemã minuscula, vulgarmente chamada gothica, do teor seguinte:

Na . era . de . mil . e . h̄ . e . bj . nos . xxiiii.
 dias . de . m̄ço . se . adificou . esta . ca
 sa . de . Sam . Roque . e . na . era . de . mil
 h̄ . e . xb . nos . xxv . dias . de . feuer.^o
 se . r̄osagrou . polo . h̄p̄ . d̄s . duar
 te . e . o . dito . h̄p̄ . outrogõ . p . autorida
 de . apostolica . e . cada . h̄ñ . año . nos . xx
 h̄ . ds . de . fr.^o . lx . ds . de . vera . e . diligẽcia
 . s̄do . aloy . pī . mordõmo

A outra lapide existe em um dos topos de uma galeria, que corre pela face norte do pateo grande das cisternas; mede 0^m,81 de largo por 0^m,52 de alto. A inscripção é nes mesmos caracteres minuscules gothicos, nitidamente cavados na pedra, e é do teor seguinte:

Adro da peste r̄osagrado p
 m̄dado delrei noso s̄r e
 xxiiii de maio de j̄b̄ xxvij po
 h̄p̄ d̄s ab̄srio r̄õ idullgẽcias.

Este D. Ambrosio é D. Ambrosio Brandão ou Pereira, bispo de Rossiona, coadjutor e provisor do arcebispo de Lisboa, o cardeal infante D. Affonso. Era natural do Porto, doutor pela Universidade de Coimbra, etc., e o mesmo que lançou a primeira pedra do convento da Graça e sagrou o mosteiro do Carmo, em 1523, segundo se lê na lapide

de bellos caracteres gothicos, que está affixada na frontaria, á esquerda dô portal, entrando ¹.

Chamavam-se naquelle tempo *adros* os cemiterios. O P.^o Raphael Bluteau assim o define: — «por *adro* se entende cemiterio; porque antigamente não se enterravam os christãos nas egrejas, nem ao pé dos altares, por respeito ao Corpo e Sangue de Jesus Christo, que nos ditos logares se consagra, mas nos adros das egrejas, a saber, na entrada e deante da porta principal d'ellas se abriam as sepulturas, etc.»

Este adro e cemiterio de S. Roque foi instituido para acudir á peste de 1523, segundo se vê da carta de D. João III, escripta em Almeirim, existente no *Livro I do Provimto da saude*, fl. 74, em que ordenava á Camara que estabelecesse dois cemiterios: «. . huñ na erdade q̃ esta fora do postigo de San Viçente, sobre samta m.^a do paraiso, e out.^o na que esta sobre Sã Roque. . .» ².

A carta régia de 25 de julho de 1525, do mesmo *Livro*, fl. 101, determina se estabeleçam *adros* fora da cidade — «ẽ tal logar q̃, quando ho norte passar por cima deles, nõ dee na cidade» ³.

O adro de S. Roque ficava encostado á muralha da cidade, e entre ella e a ermida. Os escravos que falleciam da peste eram lançados em poços, deitando-se-lhes por cima cal virgem ⁴.

Assim se determinava no mesmo *Livro*, fl. 51, e na carta régia de 13 de novembro de 1575:

«Nos ssomos çertificado que os escravos que falleçem nesa çidade, asy dos tractadores de guinee, como outros, nam ssam asy bem soterados, como devem, nos llugares omde sã llamçados, e que sse llaçam sobre a teerra em tall maneira que fiquã descubertos, ou de todo ssobre a terra sem cousa allguma delles se cobryr, e que os caães os comeem; e que a maior parte destes escravos se llaçã no monturo, que estaa jumto da cruz q̃ estaa no caminho q̃ vay da porta de Santa C.^{na} p.^a santos, e asy tanbem em outros llugares pellas herdades dhy darredor; E que posto que nyso tenhaeës provydo com pennas, e provejaeës todo ho posiuell, se nã remedeia como deue. E p.^r que ysto convem de ser m.^{to} provido, p.^r a coruçã que se segiria da podridã dos ditos corpos, comsyramos q̃ ho melhor remedio sera fazerse huñ poço, o mais fundo que podese ser, no llugar que fose mais comvinauell e de menos incomvyniente, no qual ss llaçassem os ditos escravos; e que fose llaçado, de tempo em tempo no dito poço, allguma cantidade de call virgem, pera se melhor gastarẽ os corpos, e se escusar o mais que possiuell ffor a dita coruçã; E que a este poço fosse feito ao redor da boca huñ çercuyto de parede

¹ Pinho Leal, *Portugal ant. e mod.*, t. iv, pag. 241 e 263; e *Catalogo dos Esmoleres-mores*, manuserito da Biblioteca Nacional E-3-1.

² *Elementos para a historia do Municipio*, tom. i, p. 470.

³ *Idem*, p. 454.

⁴ Pinho Leal, tom. iv, p. 163.

de pedra e call, e que q'q', q̄ escravo llamçase ou mādase llançar em out^o cabo, saluo no dito poço, pagase huña çerta penna, quall vos bem parecese: porem vos encomendamos e mādamos que lloguo nysto emtedacês, e vejaeês o llugar que sera mais convyniête p^a o dito poço sse fazer, e asecentay a penna q̄ se pohera, e todo o q̄ nyso fezerdes nos screvee compridam.^{1o} p^a o vermos, e averdes nosa resposta. E encomēdamos vos q̄ llogno nysto emtedaeês, p^r q̄ ho avemos p^r cousa de m.^{1o} noso seruiço. Scripta em allmeyrim, a 13 dias de novēbro de 1515. Rey.— P.^a a cidade sobre o poço hi se lançarẽ os escrauos».

A Camara mandou abrir o *poço* ou valla no sitio que ainda hoje conserva a denominação de *Poço dos negros*¹.

Tambem na cidade do Porto o cemiterio especial onde a Misericordia dava sepultura aos corpos dos justicados se denominava, como já dissemos, o *Adro dos enforcados*. Era um recinto vedado por um muro, com portão de ferro, uma capellinha e um cruzeiro de pedra, sob a invocação do Senhor dos Afflictos. Este adro acabou em 1836².

II. Documentos, illuminuras e sellos

A preciosissima collecção de reliquias existente na antiga igreja de S. Roque, da extincta Companhia de Jesus, doada em grande parte pelo geral Claudio AquaViva, pela rainha D. Catharina, pelo celebre D. João de Borja, filho de S. Francisco de Borja, e ainda por outros geraes da Ordem, veio acompanhada de muitas cartas, a que chamam *autenticas* ou *testimonios*, nas quaes se consignava a doação de cada uma ou de cada grupo de reliquias, designando-lhes a proveniencia e garantindo-lhes a autenticidade que as recommendava á veneração e culto dos fieis.

Assim como as reliquias estiveram, durante quasi um seculo, occultas em esconderijo pelos padres da Companhia, quando precipitada e forçadamente tiveram de abandonar a sua Casa Professa e Igreja, para seguir para o exilio a que os condemnou o Marquez de Pombal, assim tambem esta inestimavel collecção de pergaminhos, quasi todos dos fins do seculo XVI e começos de seculo XVII, andava perdida, provavelmente desde 1843, epoca em que o autor de uma *Memoria*, que nessa data se publicou, os consultou e a elles fez referencia³.

¹ *Elementos para a Historia do Municipio*, t. 1, pag. 509, e t. xi, pag. 186, nota.

² Pinho Leal, t. v.

³ Intitula-se este curioso opusculo, hoje pouco vulgar: *Memoria do descobrimento e achado das sagradas reliquias no antigo sanctuario da igreja de S. Roque, com a noticia historica da fundação da mesma igreja e sanctuario e da solemne festa, etc.* Lisboa, Imprensa Nacional, 1843. Sem nome de auctor. Attribuido ao P.^o Francisco Salles, capellão da Misericordia, nascido em 1806. Não pode comtudo asseverar-se se foi elle o seu auctor ou apenas o publicador.

Estes documentos de que havia noticia antiga appareceram agora, em uma caixa de lata, fechada a cadeado, em um armario antigo. Compõe-se a collecção de uns 84 documentos, muitos em pergaminho, com lettras ornadas e douradas, outros em papel e acompanhados de interessantes sellos, de cera e de obreia, e revelando alguns curiosos autographos. São de alto valor para o estudo da sigillographia.

Os sellos cuja reproducção, tão perfeita quanto o permite o estado dos originaes, apresentamos, são na sua maioria de geraes e provinciaes da Companhia de Jesus:



1



2



3



4



5



6

Sellos de prepositos e provinciaes da Companhia de Jesus

N.º 1. — Sello do P.º Preposito da Companhia de Jesus, com a legenda, em volta: — SIGILLVM · PRÆPOSITE · SOCIETATIS · IESV.

N.º 2. — Sello da Companhia de Jesus, no documento n.º 15 da Collecção dos autenticos, datado de 1594.

N.º 3. — Sello da Provincia de Aragão, do documento n.º 51 da dita Collecção, datado de 1634, com a legenda: PROVINCIA · IN · P · ARAG · SOCIETATIS · IESV.

N.º 4. — Sello de outro documento, datado de 1631, com a legenda: PROVINCIALIS · P · LVSIT · SOCIETATIS · IESV.

N.º 5.—Sello do documento n.º 43 da dita Collecção, datado de 1601.

N.º 6.—Emblema da Companhia, gravado no alto do documento n.º 21 da citada Collecção, datado de 1568.

Apontaremos alguns dos mais notaveis d'estes documentos:

O n.º 1 é o *testimonio* de uma reliquia de S. Procopio, patrono da Bohemia, doado por Florian de Lugo a D. João de Borja, em 16 de junho de 1587. É um bello pergaminho, com sêllo.

O n.º 2 é a carta de doação a D. João de Borja de varias reliquias do santo lenho, espinho da coroa, etc. É uma carta, dada em Praga em 1581. Bello pergaminho a preto e ouro, com sêllo appenso, dentro de caixa metallica.

O n.º 3 é *testimonio* de varias reliquias de S. Pascasio, Santo Saturnino, S. Maximo e outros, tiradas do cemiterio de S. Calixto, de Roma, em 1594—Pergaminho.

O n.º 4, outro pergaminho; carta do Nuncio de Madrid, de 1587, acompanhando duas cabeças de virgens e ossos de varios santos.

O n.º 5 é um grande pergaminho com letras a ouro e preto; carta passada em 1581 para autenticar umas reliquias do santo lenho, do lençol e toalha e de varios santos, por *Horatius marchio de Malaspina Prothonotarius de Gregorius Papae XIII.*

O n.º 6 é o *testimonio* de uma particula do espinho da coroa, offerecida pelo Sr. de Pernestan a D. João de Borja, em 1579.

O n.º 7 grande pergaminho com letras a ouro e preto, do mesmo *Horatius*, de 1581, acompanhando as reliquias que estão na cruz grande de prata.

O n.º 8 é um magnifico pergaminho, com grandes letras a ouro. Carta de Praga, de 20 de abril de 1580, que acompanhou varias reliquias, cabeça de Santa Brigida, osso de S. Girão, martyr, de Santo Otho, e braço de Santa Isabel. É *testimonio* feito em nome do imperador Rodolpho, cujo autographo subserve a Carta e vae aqui reproduzido, por calco. Começa com os dizeres em formosas letras ornadas: *Rodolphus Secundus electus Romanorum Imperator, semper augustus ac Germaniae, Hungariae, Bohemiae Dalmatiae.* Tem o grande sêllo em cera, com as armas imperiaes.

O n.º 9 é um pequeno pergaminho, de 1601. Carta de doação, a S. Francisco da Companhia de Jesus, de uma reliquia de S. Lucio, papa.

O n.º 10 autentica ossos encontrados no adro da egreja de S. Roque.

O n.º 12 é o *testimonio* de varias reliquias que o P.º Ignacio Martins trouxe de Roma e da Allemanha para repartir pelas provincias da corôa de Portugal.

É uma carta impressa em pergaminho, datada de 22 de setembro de 1573. Fez entrega da parte respectiva, ao P. Jorge Sarrão, Provincial da Casa de S. Roque.

Os n.ºs 13 e 14 são cartas testemunhaes do mesmo *Horatius*, respectivas ás reliquias que estão no relicario *de los angeles* e no pé da imagem de Nossa Senhora de prata, formosa e antiquissima peça artistica.

O n.º 15 refere-se a reliquias trazidas pelo P.º Manoel da Costa, dadas por D. João III, pela commendadeira de Santos D. Helena de Castro e rainha D. Catharina, pelo arcebispo de Braga D. Agostinho, e ainda a outras doadas por D. João de Borja, sendo Preposito o P.º Manoel Siqueira e arcebispo de Lisboa D. Miguel de Castro, em 1594.

O n.º 16 é carta do dito *Horatius* e o n.º 17 é uma carta, com bellas lettras ornadas de Claudio Aqua Viva, *Prepositus generalis Societatis Jesu. Roma. vi, Janeiro MDCXIII*. Reproduzimos tambem aqui, um calco, da assignatura de famoso Preposito.

Claudius AqJ

O n.º 18 é documento de 1576, relativo a reliquias doadas pela abbadessa de Santa Maria Madalena de Hungria, com o autographo de Helena Budae.

O n.º 19, bello pergaminho com capitaes floridas a vermelho e preto, é uma autentica dada em Colonia por Theobaldo, doutor da Santa Sé Apostolica.

Os n.ºs 20, 21 e 22 são documentos de 1608 e 1568, acompanhados de sêllos (em obreira e cera) com os emblemas da Companhia de Jesus.

O n.º 23 é um bello pergaminho a vermelho e preto, com capital ornada. Foi dado em Colonia em 1579 por Beatriz de Stummel, abbadessa do Mosteiro de Santos Macchabeus. Traz o autographo e sêllo em cera.

Passaremos ao n.º 42 que é um bello pergaminho. Carta, escrita em hespanhol, dada em S. Lourenço em 1587 pela Imperatriz Maria, rainha da Hungria e da Bohemia, Infanta de Hespanha, Archiduqueza de Austria, Duqueza de Borgonha e Condessa de Tirol, ao seu mordomo-mor D. João de Borja, enviando reliquias de S. Gregorio Thaumaturgo, de S. Roque e de Santa Barbara.

Tem a assignatura autographa e o sêllo real pendente.

Os n.ºs 43 e 47 são documentos escriptos em papel, datados de 1581.

O n.º 69 contém o autographo do P.º Manoel de Siqueira, Preposito da Casa de S. Roque. 1594.

Finalmente o n.º 76, enviando uma costella dos Santos Innocentes Martyres é uma carta do proprio doador D. João de Borja, por elle assignada e sellada com o seu sêllo, que infelizmente se acha esmagado e obliterado, percebendo-se apenas o desenho da corôa. Esta carta é do teor seguinte:

«Don Juan de Borja Conde de Mayalde, Mayordomo mayor dela Emperatriz mia señora, digo que yo he dado a los padres desta compania de Jesus de la Casa de S. Roque de la ciudad de Lisboa una Costilla de los sanctos niños Innocentes, la qual huue en Alemania de lugar donde era teuda, y venerada portal de muchos años atras y para que conste desta verdad, y de la dicta sancta Reliquia puede ser puesta en lugar publico y venerada portal de los fieles Christianos, di esta

fe y testimonio firmado de mi mano y sellado con mi sello en Madrid a cinco de noviembre de mill y quinientos y noventa y seis años.»

(assignado e sellado)

D. João de Borja.

Taes são, entre muitas outras, as preciosidades archeologicas de que é possuidora a Santa Casa da Misericordia de Lisboa. A ellas e a outras me refiro largamente na minha monographia, publicada pela Academia Real das Sciencias em um tomo das suas Memorias, intitulada: *A Santa Casa da Misericordia, subsidios para a sua historia* (1902), de cujo capitulo VII é em parte extrahida esta noticia.

VICTOR RIBEIRO.

As lapides do Museu Archeologico de Diu

Nos n.^{os} 7 a 9, do volume VIII, da revista *O Archeologo Português* veio publicado um artigo sob o titulo de *Archeologia indiano-portuguesa*, que convem rectificar por conter inexactidões.

Diz-se ali na parte I, transcrita d-*O Seculo* de 14 de junho p. p.: «já agora, portanto, não é licito duvidar que fiquem por ahi em injustificavel abandono, algo criminoso, tantos monumentos de valor aqui existentes, que attestam em plena evidencia que fomos no Oriente uma nação culta e poderosa».

O leitor deprehenderá d'aqui que todos os antecessores do actual governador do districto deixaram nas estradas e baldios as lapides e outros *monumentos de valor*, encontrados em modernas excavações ou arrastados na derrocada de alguma muralha, á mercê do primeiro baneane que d'ellas se aproveitasse para soleira da porta da sua casa;